



Uma Bênção Apostólica? Cinema e religião na construção das identidades¹

Prof. Dra. Paula Regina Puhl – Feevale/RS²
Prof. Dr. Cleber Cristiano Prodanov – Feevale/RS³
Profa. Dra. Cristina Ennes da Silva – Feevale/RS⁴

Resumo

O presente estudo problematiza a relação entre o Cinema, considerado como prática comunicacional, e a construção de identidades por intermédio da mídia impressa. Como estudo de caso foi utilizado o município de Novo Hamburgo, localizado no Rio Grande do Sul. Foram selecionadas matérias do jornal local da região, chamado NH, entre os anos de 1960 e 1965. Nos primeiros seis anos da década de sessenta, a cidade contava com quatro salas de projeção e um cineclube ligado à igreja católica. A partir do recorte selecionado foi percebido que tanto as atividades originadas da prática cinematográfica quanto as ações do cineclube refletiram as mudanças sociais e culturais na construção da identidade em uma cidade que nasceu da valorização do trabalho.

Palavras-chave

Cinema; Comunicação; Identidade; Religião

1. A cidade e a identidade

A circulação da informação gera tensões entre os sujeitos que pertencem a um grupo, a uma comunidade. Esses sujeitos mantêm referenciais que os diferenciam ou aproximam. Por pertencerem a um território demarcado, é preciso compreender como as práticas comunicacionais colaboram para a formação/construção das suas identidades. A problematização sobre identidade será baseada em Chartier (1991), Bourdieu (1998) e Hall (2005), que consideram identidade como algo múltiplo que se constitui como processo em permanente construção e em relação ao outro, a partir da relação de alteridade e do sentimento de pertença.

Para Bourdieu (1998, p.10) o sentimento de pertença a um determinado grupo está representado por símbolos. Segundo, o autor,

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Graduada em Comunicação Social – habilitação Jornalismo pela PUCRS. Mestre e Doutora em Comunicação Social pela PUCRS. Professora em níveis de Graduação e Pós-graduação e líder do grupo de pesquisa Comunicação e Cultura na Feevale/RS.

³ Graduado em História pela UNISINOS/RS, Mestre e Doutor em História Social pela USP. É professor nos cursos de Pós-Graduação do Centro Universitário Feevale, pesquisador e exerce também as funções de Pró-Reitor de Pesquisa, Tecnologia e Inovação na instituição.

⁴ Graduada e Mestre em História pela UNISINOS/RS. Doutora em História pela PUCRS. Professora em níveis de Graduação e Pós-graduação e líder do grupo de pesquisa Cultura e Memória da Comunidade na Feevale/RS



os símbolos são os instrumentos da integração social, de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui para a reprodução da ordem social: a integração ‘lógica’ é a condição da integração ‘moral’.

Chartier (1991) complementa ao relatar que a construção das identidades sociais pode se dar de duas formas. De um lado, como resultado da tensão das forças que compõem a sociedade; de outro, como reflexo da imagem que cada grupo tem de si mesmo e como age neste sentido.

Chartier acredita que a teia de representações e os seus significados estão em constante construção, e estas representações recebem influências de acordo com os interesses dos grupos que as produzem, refutando assim a idéia de neutralidade dos atores sociais. Nas palavras de Chartier, embora as representações do mundo social aspirem à universalidade, “são determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”(CHARTIER, 1991, p.17).

Para Hall (2005), tem-se no mundo pós-moderno a mudança do sujeito, que antes possuía uma identidade unificada e estável, e que agora está se tornando fragmentada. Por isto, o sujeito começa a reconhecer as várias identidades, que podem ser até contraditórias e não-resolvidas. Nesse contexto, “próprio processo de identificação, através do qual se projetam as identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático e é por isso que Hall afirma: “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2005, p. 13).

Dessa forma, este estudo procura investigar o processo de formação das identidades a partir do Cinema como prática comunicacional e a sua influência nas relações sociais. A recepção desses discursos será investigada em um campo de interação e de trocas mediadas pela mídia impressa. Esse artigo é uma complementação de um primeiro estudo, apresentado no congresso de História da Mídia de 2008, que analisou as construções das identidades em NH a partir do cineclube católico da cidade. Esse estudo estará concentrado tanto nas matérias veiculadas pelo cineclube, quanto nas outras reportagens que se referem a prática cinematográfica.

Porém, o significado e o direcionamento dessas práticas comunicacionais dependem do lugar onde circulam e dos sujeitos que as recebem, possibilitando diferentes formas de sociabilidade e, também, das novas possibilidades de permanente (re)construção da identidade.



Neste artigo, o lugar de produção e circulação desses discursos é a cidade de Novo Hamburgo. Conforme Petry (1944), o surgimento dessa comunidade está ligado ao projeto imperial brasileiro de ocupação da região meridional do país, com população européia leal ao Imperador e à Coroa. Assim, desembarcaram no Rio Grande do Sul, a partir de 1824, sucessivas levas de imigrantes de origem germânica, que se estabeleceram em várias regiões do Estado.

Um desses núcleos que se formou foi o de *Hamburger Berg*, hoje bairro Hamburgo Velho da cidade de Novo Hamburgo, localizada a 45km de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Esse núcleo foi o responsável pela criação da cidade, potencializada pela criação da linha férrea, um dos mais importantes impulsionadores do desenvolvimento das colônias germânicas no Vale do Sinos. De acordo com Petry (1944) essa facilidade de escoamento da produção colonial e a qualificação para o trabalho artesanal dos povoadores de origem germânica, apoiado pela existência do couro e derivados como matéria prima, fez desenvolver-se a indústria coureiro-calçadista.

No início do século XX, Novo Hamburgo permanecia como Distrito de São Leopoldo, mas seu desenvolvimento comercial e industrial fez crescer a idéia de sua emancipação. Assim surgiu a primeira construção de uma identidade do hamburguês que, motivado por questões econômicas e administrativas, propõe a sua separação municipal, e a partir daí a valorização do trabalho e do progresso ficam reconhecidos como valores hamburguenses. A emancipação de Novo Hamburgo aconteceu em 27 de Abril de 1927.

A disseminação desses valores ocorre na comunidade e ganha cada vez mais espaço nos jornais, que, por sua vez, adquirem uma importância cada vez maior na construção da identidade local. Desde a emancipação, Novo Hamburgo contava com um jornal chamado “O 5 de abril”, que foi fundado pelos emancipacionistas. Com o fechamento do semanário, em 1960, um novo jornal com interesses comunitários desponta na cidade. Esse jornal é chamado de NH (sigla de Novo Hamburgo), que nasce com o propósito de ser um aliado da economia regional. Sua missão manifesta é a de informar com independência, exatidão e respeito ao cidadão, bem como estimular o desenvolvimento das comunidades e dos setores onde atua.⁵

⁵ As informações referidas sobre a estrutura, missão, etc encontram-se em: <http://www.gruposinos.com.br>, acesso em 24/01/08.

Com base no Jornal NH, para esta pesquisa foram fotografadas e posteriormente selecionadas as matérias veiculadas entre os anos de 1960 e 1965, que tinham alguma citação relacionada com o cinema. Nessa época o jornal era semanal e não possuía uma diagramação fixa. Do mesmo modo, os locais para a divulgação da programação dos cinemas e a coluna do Cine Clube de Novo Hamburgo (CCNH) ocupavam páginas diferentes em cada edição. No gráfico a seguir (Gráfico I), é possível visualizar a relação entre as edições pesquisadas e a incidência de informações ligadas ao Cinema, separadas por ano.

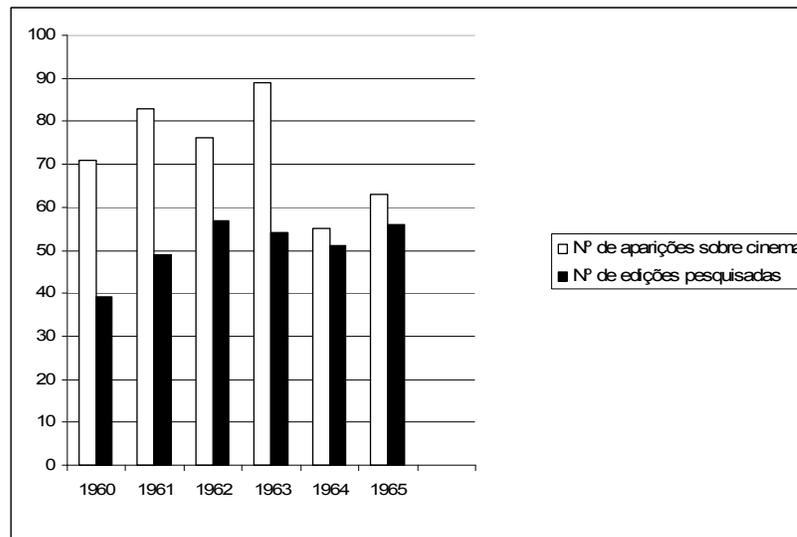


GRÁFICO I – Relação entre edições pesquisadas e o número de aparições sobre Cinema

Conforme o Gráfico I, o número de notas/ matérias/ comentários veiculadas no jornal foi bem representativo. Por isso, foi necessário fazer uma seleção do material, apoiada na coleta de discursos referentes ao tema cinema que teriam influenciado/colaborado com a construção das identidades dos sujeitos de Novo Hamburgo.

2. O cinema e a cidade

A relação entre as cidades e o Cinema geralmente é caracterizada como uma prática de lazer e divertimento. No caso de Novo Hamburgo, principalmente, nos anos 60, o Cinema esteve sempre muito presente, seja pelo número de salas de projeção, que eram quatro (Lumière, Avenida, Aida e Carlos Gomes – depois chamado de Saionara), ou pelas reportagens veiculadas no jornal NH com certa frequência, conforme o gráfico acima.



Dentre algumas características fundacionais de Novo Hamburgo encontramos ao mesmo tempo a valorização do trabalho e a busca pelo lazer familiar. Outro aspecto marcante foi certo espírito aberto dos cidadãos para aquilo que se chamou de modernidade, especialmente marcado pela presença das fábricas, dos automóveis da Rádio Progresso e das salas de cinema.

Um forte disseminador da cultura cinematográfica em NH, percebido a partir da análise das matérias sobre cinema, foi o Cineclube de Novo Hamburgo (CCNH) ancorado na religião católica.

Um cineclube é construído legalmente, com caráter associativo e estatuto próprio e possui características que são mantidas em nível internacional, explicam Ramos e Miranda (2000). Sua finalidade intrínseca é a divulgação, a pesquisa e o debate do cinema como um todo. O primeiro cineclube brasileiro chamado Chaplin Club foi fundado em 1928, no Rio de Janeiro. Nos anos 40 surgiu o Clube de Cinema de São Paulo, que foi o embrião para a Cinemateca Brasileira.

Ribeiro (1997) conta que a preocupação do Vaticano se coloca oficialmente em 1936 com o lançamento da Encíclica *Vigilanti Cura* pelo Papa Pio XI, que define sua posição em face do cinema. Foram traçadas diretrizes para a ação dos católicos e a instituição da classificação moral dos filmes.

Foi com uma segunda Encíclica, a *Miranda Prorsus*, escrita pelo Papa Pio XII, publicada em 8 de setembro de 1957, que a Igreja começou a se preocupar com todo segmento da atividade cinematográfica, desde os espectadores até os exibidores, relata Ribeiro (1997).

Essa repercussão chega ao Brasil em 1952 por intermédio de uma missão do OCIC (Office Catholique International du Cinéma), chamada no Brasil de (Organização Católica Internacional do Cinema e do Audiovisual) e que tinha como finalidade a promoção de cursos e seminários que estimulassem a formação de cineclubes ligados à Igreja. Para reforçar e sistematizar as orientações católicas, em 1953 a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) criou o Centro de Orientação Cinematográfica, destinado à formação de espectadores⁶.

⁶ Além da OCIC, o Vaticano conta com a UNDA, a Associação Católica Internacional para a Rádio e a Televisão e em 2001 instituiu a SIGNIS, a nova organização católica internacional para todos os audiovisuais e Internet. No Brasil a criação definitiva da SIGNIS só ocorrerá em 2010.
Fonte: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/2001/november/documents/hf_jpii_spe_20011120_o_cic-unda_po.html, acesso 19/01/2008.



Mas é nos anos 60 que o cineclubismo passou por uma expansão significativa. Para Ramos e Miranda (2000, p. 129), “foi um movimento artificial, insuflado pela Igreja Católica, que detinha o monopólio da atividade”. Esse movimento foi liderado pelos padres Guido Logger, Massote, Lopes, Humberto Didonet e Hélio Furtado do Amaral.

Na matéria de 08/10/1960, o cineclube “leva ao conhecimento do público apreciador de um bom filme, as cotações morais, comentários técnicos e artísticos, referentes aos programas cinematográficos dos Cinemas da nossa cidade”. Em seguida o texto informa que as cotações estarão de acordo com o OCIC (Órgão Cinematográfico Católico). Gusmão (2006) conta que a ação da Igreja mobilizou recursos e pessoas para a implantação de uma política para a atividade cineclubista, através da promoção de cursos, e formou equipes para difundir a organização, investindo na publicação de livros e apostilas. “Estima-se que se chegou a 100 o número de cineclubes pelo comando da Ação Católica no Brasil” (GUSMÃO, 2006, p. 53). Esse comando pode ser verificado pela Cotação dos filmes apresentada ainda na matéria publicada em 08/10/1960, p. 2, no Jornal NH, que diz o seguinte:

1- PARA TODOS – ou sem objeção; 2- ADOLESCENTES- ou sem objeção à crianças – filme sem inconvenientes para crianças devidamente advertidas ou adolescentes; 3- A- ADULTOS – ou com objeção a menores – filme sem inconvenientes para adolescentes devidamente advertidos e adultos; 3 – B – ADULTOS COM RESERVAS – ou : PARA ADULTOS COM RESTRIÇÕES – filme que embora não seja formalmente desaconselhado, se destina a público adulto bem formado, visto apresentar restrições morais mais ou menos sérias; C- PREJUDICIAL – ou: DESACONSELHADO – filme que traz prejuízos para a maioria do público, mesmo adulto, e só poderá ser visto por razões sérias; 4- CONDENÁVEL- filmes que não deve ser visto, por ninguém, ao menos por disciplina religiosa.

O predomínio do pensamento da Igreja Católica na cidade de Novo Hamburgo, como grande parte dos povoamentos coloniais de origem germânica no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, havia se notabilizado pela presença da igreja e da Escola desde seu surgimento como povoação e vilamento.

Segundo Leopoldo Petry, “capelinhas, nos mais modestos vilarejos, igrejas em todas as vilas e suntuosos templos, alguns verdadeiros monumentos dão-nos as provas mais vivas dos sentimentos religiosos.” (PETRY, 1944.p.46)

Entretanto, a aceitação da religião católica em Novo Hamburgo, no mínimo causa estranheza, pois desde o seu surgimento contou com um maior número de Evangélicos do que de católicos. O culto evangélico e a presença de uma igreja para tal

devoção, remonta ao ano de 1832, portanto, muito pouco tempo depois da chegada dos imigrantes ao Estado. Enquanto isso, a comunidade católica, mais diminuta edificaria sua igreja alguns anos após, em 1850.

Desde a organização inicial da comunidade católica de Novo Hamburgo, esta, embora muito menos numerosa havia se mostrado extremamente atuante e modernizadora. Vários de seus membros destacaram-se na economia do município e no seu processo de emancipação ocorrido em 1927.

Dentre alguns destaques encontramos o empresário Pedro Adams Filho, o principal líder industrial do município, responsável pela transformação do trabalho artesanal do calçado em um processo industrial, o também empresário Pedro Alles e o líder comunitário Leopoldo Petry.

Essa minoria numérica católica se transformou em atuação e implantação de um espírito de corpo comprometidos dos os conceitos da religião, mas de outra parte uma atuação empreendedora e modernizante da comunidade.

Esses motivos explicam a inserção e o papel atuante do cineclubes que tinha como objetivos analisar as obras cinematográficas, seguindo os mandamentos cristãos, e advertir a população a respeito dos filmes em cartaz fosse pelas características técnicas ou pela ideologia cristã. Essa ação é vista na matéria a seguir, onde o CCNH “ensina” como apreciar um filme. Por serem dois textos marcantes para instalação dos ideários do Cineclubes, optou-se em colocá-los na íntegra:

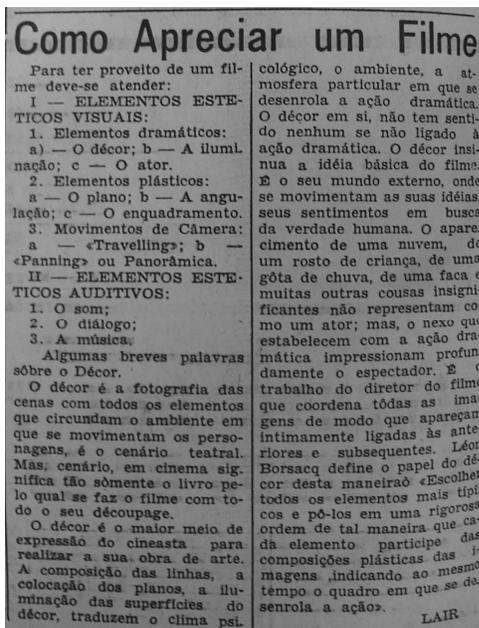


FIGURA 1 – Matéria “Como apreciar um filme”
FONTE – JORNAL NH, PUBLICAÇÕES DE 05/11/1960.



Além das matérias que divulgavam a “voz” catequizadora do CCNH, foram encontradas outras informações, dessa vez referentes ao funcionamento das salas de cinema e sobre os filmes que a população assistia.

No dia 09/08/1963, na matéria intitulada “Cinemas: desordeiros prejudicam sessões”, foi divulgada a presença de “*certos elementos*” que atrapalhavam as sessões do Cine Avenida com palavrões e “*piadinhas*”. A coluna pede que algo seja feito, pois a preocupação era que “*chegará o dia em que um chefe de família não mais poderá levar os seus, a assistir uma película, a menos que queira os expor a ouvir as baixezas ditas por esses maus elementos*”.

No dia 20/09/1963, uma matéria veicula na página 5 do jornal NH, foi encontrado um texto sobre a comédia romântica *Volta, Meu Amor*⁷, com Doris Day e Rock Hudson. A particularidade do comentário está em alguns adjetivos utilizados para descrever a trama, como “duas grandes e maliciosas surpresas aguardam os espectadores deste delicioso coquetel de amor e alegria”. Seguindo o texto, que difere de outros comentários moralistas que estavam presentes no jornal de 1960, nota-se a empolgação do escritor ao dizer “não seria de estranhar que esta película faça de VIP, uma nova palavra a ser acrescentada ao idioma nacional”. Considera-se que escrever isto não era aconselhável, e, mais uma vez, corrobora com a idéia de que a coluna de cinema estava se modificando e não se atinha em somente pregar as idéias do catolicismo.

Na matéria de 18/10/1963 veiculada na página 5, do Jornal NH, esta mesma coluna divulga o filme *Suave é a Noite*. A frase mais marcante é “a beleza do amor...o interesse do amor...a decadência do amor... *SUAVE É A NOITE*, conta uma história apaixonante da vida de um casal que poderia acontecer a qualquer um de nós”. E ao final do texto o autor completa “Domingo! Um filme para os que nunca conheceram o êxtase... e o tormento do prazer! Domingo! Nos momentos suaves da noite...deve o

⁷ Este filme foi lançado em 1961 e a sinopse se trata de um publicitário que precisa inventar um produto. Ele acaba criando a marca VIP, algo que não existe, mas quando é descoberto precisa criar um produto com essa marca. (Fonte: www.imdb.com – acesso em 26/01/2008)



amor ser o que é?”. É percebido que os membros do CCNH estavam utilizando palavras que indagavam e provocavam o espectador e não mais os puniam.

Ambas as matérias citadas anteriormente destoam das outras crônicas. O uso de palavras como prazer, êxtase, amor não fazia parte da Cotação Moral, e por isso indicavam mudança, tanto no pensamento da sociedade, quanto das entidades ligadas ao Cinema.

Em 1964 o CCNH não possuía mais uma coluna específica no jornal, as cotações morais somente acompanhavam as sinopses dos filmes. Um dos motivos para a falta de atividades do cineclubes pode ter sido a tomada de poder pelos militares em 31 daquele ano, porém não foram encontradas matérias que relacionassem as atividades cinematográficas com a ditadura nas edições de 1964.

Foi encontrada na edição do dia 07/08/1964, página 17, uma coluna chamada – MINHA SUGESTÃO – que tem como título Cineclube nos grêmios estudantis e que narra o I Encontro Gaúcho de Cineclubes na cidade de Santa Maria. Nessa reunião ficou acertado que caberia ao CCNH o ponto de discussão referente à crítica cinematográfica e o cineclubismo, e por isso a ameaça “televisão” é colocada em pauta.

houve debates sobre a influência da televisão no cinema, e ficou decidido que a Secretaria de Educação e Cultura irá imprimir questionários que serão distribuídos em vários cineclubes do interior do Estado, para conseqüente verificação do índice de pessoas que vão aos cinemas e outras que ficam em casa assistindo televisão.

Mais adiante, a matéria destacava a importância da criação de um departamento de cinema nos grêmios estudantis de Novo Hamburgo e pedia o apoio dos estudantes para a realização desse projeto, para que estes pudessem organizar sessões cinematográficas que não dependessem somente de Porto Alegre.

Verificou-se, por intermédio do relato acima, que estava se iniciando um movimento de libertação da capital, bem como que a discussão entre televisão e cinema começava a gerar polêmicas, já que esse veículo era considerado uma ameaça aos cineclubes e às salas de projeção da cidade.

Ainda relacionando o cinema com a televisão, em 1965, no dia 01/01/1965, é publicada uma nota que informa que no Cine Saionara seria sorteado um aparelho de televisão oferecido pelo Jornal NH. Já no dia 29/01/1965, uma loja de eletrodomésticos faz uma propaganda que une a televisão e o ensino.



FIGURA 2 – Propaganda televisor Admiral
FONTE – JORNAL NH, PUBLICAÇÃO DE 29/11/1965, NA PÁGINA 5.

Fica explícito que existe um impasse entre as vontades do cineclube e o mercado da cidade. Na mesma edição foi citada a disputa entre televisão e cinema e foram registradas várias propagandas de televisores.

A discussão sobre a rivalidade entre os dois meios continuou. Em uma crônica publicada em 04/06/1965, a autora Lucia Alles comentava a sua acirrada batalha contra a televisão desde o seu surgimento no Rio de Janeiro e o seu posicionamento de não adquirir um até que a programação fosse de qualidade, mas confessava, porém, que por pressão dos filhos “*acabei consentindo na compra do bicho*”. Em seguida ela chama a televisão de “*fêra*”, “*a fêra que nos está devorando a todos*”. Para acompanhar os filhos, a escritora confessava que começou a ver os programas e admitia que, mesmo depois das crianças irem dormir, ela e o marido continuavam a ver televisão. No seguinte extrato da matéria, ela descreve: “*mas foi no inverno que o monstro nos tragou: o tricot rendia que era uma beleza, uma boa manta nas pernas, a facilidade de desligar a qualquer momento e, o preço de todo esse conforto era apenas um programzinho*”.

Por outro lado, Lucia defende a sua dignidade ao ressaltar: “*não descí aos shows de gosto mais que duvidoso, ao dramalhão das novelas, nem a calamidade dos shows humorísticos*”. Ao prosseguir o comentário, Lucia contava que fez um esforço e retornou ao cinema para ver “*a minha artista predileta e nunca a loirinha (entende-se Catherine Deneuve⁸), a um tempo alegre e cheia de energia, me pareceu tão vibrátil,*

⁸ Estava em cartaz na cidade o filme, gênero romance “Os Guarda-chuvas do Amor”, lançado em 1964 na França, que tem como protagonista a então jovem Catherine Deneuve.



elegante e espirituosa”. Depois Lucia descreveu a possibilidade de ver os detalhes na tela e complementa: *“E as roupas meu deus! As roupas que a mulherzinha vestia! Não importa que jamais possa possuí-las; quero vê-las de vez em quando e sonhar com elas constantemente*”. Por último ela admitiu que o cinema *“acalenta o espírito, pois, é muito bom sentir que nem só de pão vive o homem”*.

Com essa última frase são visualizados vários costumes da região e a importância do cinema como mediador da cultura mundial, seja pela moda, pelos lugares que talvez nunca seriam conhecidos pelas pessoas da região, ou simplesmente pelo direito a sonhar. A questão da TV mostra o crescimento econômico e o acesso a novas tecnologias. Quando Lúcia diz que o cinema colabora com o espírito e mostra que o homem não vive só de pão, mas de fantasias, ela se refere à cultura do trabalho, tão forte e fundadora da cidade. Mas o progresso também era visto como valor, e progredir poderia vir a ser estar atento aos novos produtos culturais e começar a considerar o divertimento e a arte como práticas de comunicação influenciadoras na identidade cultural.

Ainda em 1965, nas matérias veiculadas nos dias 26/02 e 12/03 de 1965 aparece um novo grupo chamado de Cruzada da Mulher Democrata de NH. O grupo promoveu uma sessão no cinema Lumière sobre o filme *Freud Além da Alma*⁹ O público para qual foi destinada a sessão era *“especialmente para jovens de idade acima de 18 anos”*. O mediador da sessão foi o Prof. Humberto Didonet¹⁰.

O curioso nessa sessão é a permissão daquela sociedade para a exibição de um filme que tinha como roteirista o existencialista Jean Paul-Satre. O pensador moderno não era bem visto pela religião católica, já que ele pregava que o homem era o responsável pela sua existência e que Deus não existia. Estas idéias para uma sociedade católica e germânica certamente não eram bem aceitas. Por isto, se estabelece a dúvida: como era permitida a projeção de filmes com este conteúdo, principalmente para os jovens? É importante lembrar, entretanto, que a presença do professor Didonet

⁹ Freud Além da Alma foi dirigido por John Huston em 1962, e retrata o período da vida do psicanalista. O roteiro original do filme foi elaborado pelo filósofo existencialista, Jean-Paul Sartre. No elenco Montgomery Clift, reconhecido como galã das sessões da tarde dos cinemas da década de 50, foi escolhido para ocupar o papel de Sigmund Freud.

¹⁰ Humberto Didonet, militante católico dirigia o Cineclube Pro Deo, fundado em 1954 em Porto Alegre. Publicou alguns livros sobre o apostolado ou técnicas de cinema, como o "Curso de Cinema", no qual explica, no cap. II, intitulado "Cultura e Educação Cinematográfica", quem devem ser os educadores: "Os pais, sacerdotes, mestres de todos os graus, dirigentes da juventude. Devem eles tomar conhecimento do assunto. Proibir completamente o cinema da Juventude é perder sua confiança" (Didonet, 1960, p.6).



certamente serviria de balizadora para o tratamento correto da temática, de acordo com a moral e os bons e vigentes costumes.

3. A construção das identidades nas páginas dos jornais

Partido das questões elencadas ao longo do texto e considerando a proposta inicial de analisar os processos vinculados ao cinema em suas relações com a constituição de identidades, em especial, nos discursos proferidos pelo CCNH, engendra-se apontar aqui direcionamentos fomentadores da discussão, ou seja, nosso texto vai muito além de buscar respostas, preocupou-se em indicar paradoxos inerentes ao tema.

Do processo de estudo da temática em questão, sobressai-se a geração de conflitos e tensões sociais provenientes da inter-relação estabelecida entre religião e arte cinematográfica. A documentação que ampara o texto apresentou na sua quase totalidade, o reflexo de uma sociedade que admirava o cinema, e que, por possuírem intrinsecamente valores relacionados ao trabalho, a moral e a religiosidade, buscavam nos produtos cinematográficos leituras possíveis a partir desses valores.

Nas inúmeras edições selecionadas, a tônica vinculava-se a uma estratégia dialógica, que é comunicada tanto pela cotação moral dos filmes, quanto pela abertura de comentários, que possibilitaram a “aprovação” de temas como o amor, o prazer e ainda permitia o posicionamento frente à televisão.

Neste sentido, e partindo do pressuposto que o cinema constituiu-se em instrumento de influência cultural e social, podemos entendê-lo como agente da construção das identidades daquela comunidade, que sobreviveu e habitou as salas de projeção até os anos 90. Esses sujeitos, imersos neste contexto pré-determinado, defendiam incondicionalmente o Cinema frente ao “bicho” televisão.

Porém, com a expansão do comércio e com a busca do comodismo, a classe média acaba aceitando e consumindo os produtos televisivos. Contudo, devemos destacar outros aspectos que contribuíram para a transformação da condição da audiência dos cinemas, como Selbach (1999) conta que, com a falta dos “habituês”, as salas de projeção começaram a sonegar, os porteiros não inutilizavam os ingressos e devolviam para o bilheteiro, que vendia novamente sem acionar a caixa registradora. Filmes eróticos entram em cena. As cópias tinham péssima qualidade, pois eram alugadas das salas da capital por preços baixos.



Assim nos anos 90 a transformação se efetiva e é Selbach (1999), que descreve, apontando como consequência da abertura do Shopping Center, o fim das grandes salas. Assim, os cinemas Lumière e Avenida, receberam outras personagens, os eletrodomésticos e as roupas. O Saionara se transformou em uma Igreja do Reino de Deus e o Aida em um templo religioso.

Turner (1997), na sua obra intitulada “O cinema como prática social”, acredita que a dificuldade da indústria cinematográfica e o domínio dos filmes americanos inicia a queda de audiência das salas. E o movimento tanto no exterior quanto no Brasil foram o aumento dos serviços voltados para os lares – televisão a cabo, computadores, videogames – e com o aumento da mobilidade da população resultante de um número maior de veículos particulares, fez aumentar as opções de lazer para os indivíduos de todas as camadas.

De acordo com Malverdes (2008) o espetáculo cinematográfico chegou a ao fim, se considerarmos a narrções contidas nas matérias do jornal NH, porém, a emoção de ir ao cinema se transformou com o novo contexto, não é mais somente um acontecimento social e sim faz parte das cidades, sendo ainda considerado uma das atrações mais populares.

Assim, para compor um dos finais dessa história, Chartier (1991) argumenta que a identidade que cada sociedade tem ou constrói para si passa pelo entendimento e pela própria aceitação desta identidade, construída por práticas que derivam de representações coletivas, como as atividades dos cineclubes, a crítica aos filmes ou os cursos e palestras sobre a arte cinematográfica.

Para Chartier, estas representações têm capacidade de seduzir sem o emprego de força, são construções que levam à elaboração de uma realidade que interfere no imaginário social. E isso é Cinema, uma prática comunicacional emissora de diversos imaginários que podem ser atualizados pelos sujeitos. Esta simbiose entre sujeito e Cinema colabora para a construção ou reconstrução de múltiplas identidades, podendo, assim, ser visto como uma bênção apostólica ao mundo contemporâneo.

Referências Bibliográficas

ARMANDO, Carlos. **Os adoradores de filmes**. Belo Horizonte: Editora Autentica, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.



CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estud. av., São Paulo, v. 5, n. 11, 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 May 2007. Pré-publicação.

DIDONET, Humberto. **Curso de Cinema**. Porto Alegre, Paulinas, 1960.

GUSMÃO, Milene Silveira in **História, Cultura e Educação**. (org) LOMBRADI, José Claudinei et all. Campinas : Editora Autores Associados , 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102 páginas

LUNARDELLI, Fatimarlei. **Quando Éramos Jovens**. Porto Alegre: ed. Da Universidade, 2000.

MALVERDES, André. **No escurinho do cinema: a história das salas de exibição na Grande Vitória**. Vitória/ES: 2008.

PETRY, Leopoldo. **Novo Hamburgo Florescente Município do Vale do Rio dos Sinos**. Monografia. 4ª ed. São Leopoldo. Editora Rotermund & Cia. Ltda.

RAMOS, Fernão; MIRANDA, Luiz Felipe (org). **Enciclopédia do Cinema Brasileiro**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

RIBEIRO, José Américo. **O Cinema em Belo Horizonte: do Cineclubismo à Produção Cinematográfica na Década de 60**. Belo Horizonte, UFMG, 1997.

SELBACH, Jeferson Francisco. **Novo Hamburgo 1927-1997: os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade**. Porto Alegre: 1999. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – UFRGS, 1999.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: ed. Summus, 1997.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.